

[https://doi.org/ 10.5965/24471267822022021](https://doi.org/10.5965/24471267822022021)

Derivas pelo arquivodocente

Walking the teachingarchive

Derivas en el archivodocente

Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues¹

¹ Professora do curso Artes Visuais Bacharelado (FAV/UFG). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG), onde orienta e desenvolve investigações na linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação, com ênfase na Pesquisa Autobiográfica em Arte. Líder fundadora do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas – NuPAA/UFG/CNPq.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7111235725963338> **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0003-4994-4291> E-mail: manoelaafonso@ufg.br

RESUMO

Este texto nasce de uma escrita em travessia que exercita incursões nos guardados referentes às minhas práticas docentes dos anos 2017, 2018 e 2019, com foco na disciplina Laboratório de Produção Artística 1 (LAB1), ministrada para o quinto período do curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Reconheço tais guardados como constituintes do que chamo aqui de *arquivodocente* e, à medida que o vou percorrendo, apresento os pilares que sustentaram minha prática artístico-pedagógica nos anos mencionados. No meio do caminho, destaco a emergência de uma “pedagogia do contar” como principal estratégia utilizada no estímulo à produção artística e aos processos de criação das e dos estudantes matriculados nessa disciplina. Os referenciais teóricos aqui citados apontam para os campos da pesquisa narrativa, dos estudos auto/biográficos e dos estudos decoloniais e foram sendo convocados à medida que os fui reencontrando em meio às derivas pelo *arquivodocente*. Concluo ao reconhecer o caráter crítico e libertador dos atos de criação no ambiente universitário, capazes de desfazer e refazer ligações com nossas subjetividades, gerando movimentos transformadores para outros lugares de onde podemos perceber novos modos de fazer, pensar e existir na arte, na educação e na vida.

PALAVRAS-CHAVE

Arquivodocente; Pedagogia do Contar; Processos de Criação.

ABSTRACT

This text results from a writing-crossing process that exercises incursions in the archives related to my teaching practices in the years 2017, 2018, and 2019, which I call *teachingarchive*. I focused on the subject Laboratory of Artistic Production 1 (LAB1), taught for the fifth grade of the Visual Arts course - Bachelor's Degree - at the Faculty of Visual Arts (FAV), Federal University of Goiás (UFG). I present the pillars of the artistic-pedagogical practice I created in those years, highlighting the emergence of a “telling pedagogy” as my primary strategy to stimulate the students’ artistic practice and creative processes in this period. The theoretical references mentioned in this paper point to the fields of narrative research, auto/biographical studies, and decolonial studies, being summoned as I found them amidst the wanderings in the *teachingarchive*. I conclude by recognizing the critical and liberating aspects of the acts of creation within the university environment. They can both undo and remake connections with our subjectivities, generating transformative movements to other places where we can perceive new ways of doing, thinking, and existing in art, education, and life.

KEY-WORDS

Teachingarchive; Telling Pedagogy; Processes of Creation.

RESUMEN

Este texto resulta de un escrito en travesía que se origina en las incursiones realizadas en los archivos referentes a mis prácticas docentes en los años 2017, 2018 y 2019, centrándose en la disciplina Laboratorio de Producción Artística 1 (LAB1), quinto período del curso de Artes Visuales Bacharelado, Facultad de Artes Visuales (FAV), Universidad Federal de Goiás (UFG). Reconozco a estos guardados como constituyentes de lo que llamo el *archivodocente* y, en su recorrido, presento los pilares que sustentaron mi práctica artístico-pedagógica en los años mencionados. En el camino, destaco el surgimiento de una “pedagogía del contar” como principal estrategia utilizada para estimular la producción artística y los procesos de creación de los estudiantes matriculados en esa disciplina. Los referentes teóricos citados apuntan a los campos de la investigación narrativa, los estudios auto/biográficos y los estudios decoloniales y fueron convocados como los encontré en medio de las derivas por el *archivodocente*. Concluyo reconociendo el carácter crítico y liberador de los actos de creación en el ámbito universitario, capaces de deshacer y rehacer conexiones con nuestras subjetividades, generando movimientos transformadores hacia otros lugares desde donde podamos percibir nuevas formas de hacer, pensar y existir en el arte, la educación y la vida.

PALABRAS-CLAVE

Archivodocente; Pedagogía del contar; Procesos de Creación.

Uma escrita em travessia

Este artigo foi escrito em meio à desordem. Ao mesmo tempo que planejava a estrutura do texto, atendia às solicitações dos homens que vieram pintar a minha casa. De vez em quando, precisávamos transportar as coisas de um cômodo a outro e, sem muita alternativa, ia me movendo junto com elas. Tais deslocamentos despertaram reflexões e percepções sobre a importância de sair do lugar para realizar algo. Durante o processo de escrita, compreendi que eu teria que ceder ao movimento que se impunha se eu quisesse criar um texto vivo e, assim, vivenciar uma escrita em travessia (CLARETO; VEIGA, 2016). O desafio estava posto: liberar os espaços, desocupar e desocupar-me para, então, escrever este texto também como ato de criação.

Esvaziei o quarto dos fundos, transportei tudo para o escritório e a sala. Depois, liberei o quarto onde durmo: livros, malas e roupas foram se juntar às coisas que já estavam fora de seus lugares. O caos foi se instaurando e perdi qualquer referência de localização. Sem lugar para trabalhar, inaugurei um escritório provisório em cima da cama. Busquei ali um ancoramento para acomodar as ideias que estavam a surgir com toda esta movimentação.

Seguiu-se a dança pela casa até que o trabalho dos pintores se encerrou. Eles se foram e eu fiquei a observar aquela autotopografia² desconhecida. A nova configuração das coisas no espaço despertou-me uma curiosidade infantil. Passei a colocar-me diante delas como quem busca por tesouros escondidos. Foi a minha criança interior quem selecionou os elementos que estruturam o presente texto. Ao correr os olhos pelos guardados da professora (agora nômade em sua própria casa), a criança notou três pilhas sobre o cobertor azul (Figura 1) que forrava a cama-escritório. Ali intuiu a possibilidade de ter algo relevante a contar.

Este texto se constitui como uma incursão pelo que vou chamar aqui de *arquivodocente*. O objetivo da deriva foi estimular uma escrita reflexiva a partir dos vestígios que emergiram das três pilhas de guardados, com foco nos movimentos da professora pelos tempos e espaços de sua produção e criação artístico-pedagógica. Ao elaborar este texto, busquei “um fazer escrita em devir, junto ao corpo, movendo-se e fazendo mover” (CLARETO; VEIGA, 2016, p. 33) para assim aprender com aquilo que coletei pelo caminho da vida profissional e pessoal. Espero que esta partilha contribua de alguma forma para as incursões de outras professoras e professores pelos seus arquivos, território tão fértil de onde florescem nossos fazeres, saberes e aprenderes sobre quem somos, quem nos tornamos e o que transformamos na arte e na docência.

2 Jennifer A. González (1995) define “autotopografia” como uma representação espacial da identidade, de modo que os objetos e sua disposição no espaço podem ser vistos como extensões da psique, com profundas dimensões auto/biográficas.



Fig. 1, Autora, Arquivodocente, 2022. Fonte: arquivo pessoal.

Derivas pelo arquivodocente

Segui a cronologia e comecei as derivas pela pilha do ano 2017. A primeira anotação encontrada (Figura 2) logo se transformou em bússola que orientou o percurso reflexivo que aqui apresento.

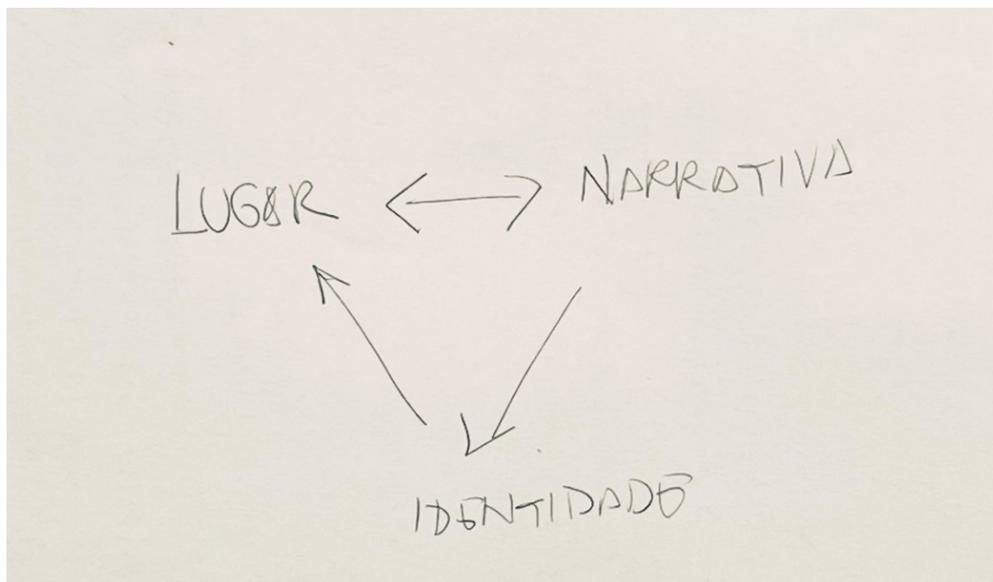


Fig. 2, Autora, Arquivodocente, 2017. Fonte: arquivo pessoal.

LUGAR e NARRATIVA estão correlacionados através de flechas que apontam nas duas direções, estabelecendo aí um movimento recíproco: dos lugares emanam narrativas; narrativas interferem na vivência e percepção dos lugares. Nota-se que NARRATIVA aponta para IDENTIDADE, que por sua vez aponta para LUGAR. Narrativas constroem, reforçam, transformam ou destroem identidades. Identidades instauram ou aniquilam lugares. Andrews et al. (2000) já nos alertavam: se somos contadoras de histórias por natureza, e se somos seres construídos por narrativas, então “narrativa” deveria estar entre os principais temas de investigação das ciências sociais e humanas.

Tais movimentos sinalizados entre *lugar, narrativa e identidade* na figura 2 permearam a tese de doutorado (AFONSO, 2016) que defendi naquele ano, momento em que procurei refletir sobre a relação dessa tríade com a pesquisa artística que eu estava desenvolvendo. Dali surgiram, também em 2017, outros textos³, um projeto de pesquisa⁴ e um grupo de pesquisa⁵ que passaram a existir com a finalidade de criar um lugar institucional para aprofundarmos as reflexões sobre tais relações a partir da pesquisa artística.

Ao refletir sobre a pergunta “onde nós encontramos narrativas?”, Squire et al. (2013) apontam inicialmente para as formas mais óbvias – as histórias faladas obtidas por meio de entrevistas gravadas e transcritas. Mas reconhecem que há um interesse crescente no papel que materiais visuais, sonoros e físicos podem assumir no campo da pesquisa narrativa. Embora haja muito debate sobre se uma imagem fixa ou objeto poderiam ser considerados narrativas, “há uma grande quantidade de pesquisas extremamente úteis nos estudos culturais e de mídia sobre narrativas visuais e de objetos, nas quais os pesquisadores sociais estão apenas começando a se basear” (SQUIRE et al., 2013, p. 11, tradução nossa)⁶. Nós que temos realizado pesquisas artísticas, perguntamos: Como artistas pesquisadoras e pesquisadores poderiam participar desse debate? Por que as aproximações com o campo da pesquisa narrativa e dos estudos auto/biográficos seriam relevantes para as investigações artísticas na área de Artes, especialmente nas poéticas visuais? Como artistas podem complexificar e expandir as noções de narrativa a partir do uso de diversas linguagens no espaço-tempo da criação das obras? Que conhecimentos podem ser gerados a partir das operações poéticas empregadas na instauração de trabalhos artísticos criados a partir de materialidades e imaterialidades auto/biográficas?

Continuando a deriva pelo arquivodocente, ainda na pilha do ano 2017, constato que nesse ano participei do curso *Narrative Research* liderado por Corinne Squire, realizado no modo online pela School of Social Sciences da University of East London.

3 http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_RODRIGUES_Manoela_dos_Anjos_Afonso.pdf, <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/50784>

4 Práticas artísticas autobiográficas: intersecções entre prática artística, escritas de vida e decolonialidade (FAV/UFG).

5 Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6237544308757036.www.nupaa.org>

6 “There is a great deal of extremely useful research within cultural and media studies on visual and object narratives, on which social researchers are only just starting to draw” (SQUIRE et al., 2013, p. 11).

Durante o curso, busquei construir pontes entre a pesquisa narrativa e a pesquisa artística, uma vez que o meu interesse se concentra nos atos autobiográficos criados por artistas que incorporam narrativas orais, escritas, visuais e outras aos processos de criação e aos trabalhos artísticos. As principais perguntas lançadas pelas professoras no percurso dessa formação foram: Como as pessoas podem vir a se perceber como sujeitos sobre os quais uma história pode ser contada? Quais os papéis da memória, ideologia e senso de audiência nos relatos das pessoas sobre suas próprias vidas? Como classe, etnia, gênero e outros marcadores moldam as histórias que as pessoas contam? O que buscamos quando analisamos os relatos de vida de outras pessoas? A partir dessas perguntas, deveríamos observar como os conteúdos estudados poderiam oferecer possíveis respostas e estratégias de pesquisa. A tais perguntas, adicionei mais uma desde o meu lugar de atuação – as artes visuais: Quais as contribuições que pesquisas realizadas por artistas na confluência dos estudos auto/biográficos com os estudos decoloniais poderiam oferecer ao campo da arte na contemporaneidade, desde uma perspectiva crítica?

Narrativa, segundo Andrews et al. (2000), pode ser entendida como uma sequência de eventos no tempo, histórias pessoais contadas na forma oral ou textual, uma sequência de imagens em movimento ou imagens fixas que implicam sequência, ou mesmo sequências de ação no tempo e no espaço. Essa definição permite pensarmos “narrativa” no contexto da pintura, escultura, gravura, fotografia, instalação, audiovisual, performance, dentre outras expressões artísticas. Parto da ideia de narrativa como lugar formado por uma coleção de histórias organizadas em arranjos temporários que, ao se desfazerem e reordenarem em meio aos processos de deslocamento (físicos ou subjetivos), apontam para novas narrativas em devir, colocando-nos em novo movimento (AFONSO, 2016). Curtis e Pajaczkowska (1994) sugerem um entendimento da estrutura narrativa como uma viagem intra-subjetiva:

A própria estrutura narrativa pode ser considerada como uma viagem intra-subjetiva. Por meio da narrativa, permite-se ao eu sujeito uma cisão regressiva – em eus componentes fragmentados – e são oferecidas formas de identificação para posterior reintegração⁷. (CURTIS; PAJACZKOWSKA, 1994, p. 212, tradução nossa).

Pensar a narrativa como uma viagem de um lugar ou de um estado a outro, leva-nos também a Michel De Certeau (2008, p. 200) que afirma que “todo relato é um relato de viagem, uma prática do espaço” que instaura uma caminhada, seja de ordem física, psicológica, abstrata. Ressalta-se a relevância da pesquisa narrativa que desafia a dualidade entre o pessoal e o coletivo, o indivíduo e a sociedade, a pausa e o movimento, o todo e o fragmento, propondo a construção de um conhecimento nômade que se apoia nas subjetividades em devir que circulam entre polos. Segundo Andrews et al. (2000), a construção de sentido através de narrativas é relevante para

7 “Narrative structure itself can be regarded as an intro-subjective journey. Through narrative the subject self is allowed a regressive splitting - into fragmented component selves - and is offered forms of identification for subsequent reintegration” (CURTIS; PAJACZKOWSKA, 1994, p. 212).

a experiência pessoal e social porque o conhecimento gerado pela pesquisa que se apoia em narrativas abre novos espaços de investigação das relações entre sujeitos e estruturas. No entanto, os desafios de se trabalhar com as narrativas reside no fato de muitas vezes apresentarem contradições, pois são fragmentadas por natureza e exigem que reconheçamos suas incertezas metodológicas, complexidades teóricas, formatos múltiplos e relações de poder que lhe são intrínsecas. Mas é importante ressaltar também que a pesquisa narrativa é uma forma de chegarmos a perguntas inovadoras que convocam saberes interdisciplinares que podem entrelaçar teoria e prática de novas formas.

A partir dessas características, observo pontos de aproximação com a pesquisa em arte que busca incorporar materialidades e imaterialidades auto/biográficas aos processos de criação e às proposições artísticas. No entanto, dentre as suas diferenças, destaco o destino dado aos dados coletados. Para a pergunta “O que eu faço com as histórias agora que eu as coletei?” (Andrews et al., 2013, p. 1), os artistas talvez responderão: façamos arte! Ao invés de analisar os dados coletados conforme os protocolos de outras áreas do conhecimento, artistas pesquisadoras e pesquisadores tenderão a incorporá-los aos processos de criação e às obras, apresentando-os ao público de outras maneiras, por meio das expressões artísticas e em espaços a elas destinados, oferecendo outros meios de acesso aos saberes aí gerados, pois que estamos a lidar com o conhecimento artístico.

Para Andrews et al. (2000), no contexto da pesquisa narrativa as esferas individual e social são interdependentes, não há um “lá fora” ligado ao social isolado de um “aqui dentro” relacionado ao universo pessoal, subjetivo. O que existe é uma zona psicossocial de interações de onde emergem as histórias. Nas investigações que temos desenvolvido em nosso grupo de pesquisa ao longo dos últimos três anos, nota-se que é na zona de interações entre lugar, narrativa e identidade que temos nos demorado para observar que formas e materialidades têm as histórias que estão a emergir dos fazeres artísticos em jogo, especialmente como engendramentos de poéticas de enunciação crítica e autobiográfica.

Contar o fazer

Maria Tamboukou (2003), pesquisadora dos arquivos no contexto da vida de mulheres, ao investigar a história das mulheres na educação pergunta: “Qual é o presente das mulheres na educação hoje? Como nos tornamos o que somos e quais são as possibilidades de nos tornarmos ‘Outra’?” (TAMBOUKOU, 2003, p. 199, grifos da autora, tradução nossa)⁸. Gostaria de partir dessas duas perguntas que encontrei na pilha de papéis do ano 2017 para colocar aí uma especificidade: Qual é o presente das mulheres artistas na educação superior hoje? Como nos tornamos o que somos

⁸ “What is the present of women in education today? How have we become what we are and what are the possibilities of becoming ‘Other’?” (TAMBOUKOU, 2003, p. 199, grifos da autora).

e quais as possibilidades de nos tornarmos outras em diálogo com a pesquisa artística que desenvolvemos no contexto das atividades pedagógicas sob nossa responsabilidade no ensino superior na área de Artes? Para tais perguntas existem inúmeras respostas, tão numerosas quanto a quantidade de artistas mulheres que hoje atuam brilhantemente em nossas universidades. Como desdobramento dessas duas perguntas, encontrei outra em meio a anotações num papel de rascunho: Como tem se dado a formação da/do artista na universidade? Naquelas notas destaquei ser crucial observar os desafios que enfrentamos como professoras universitárias que buscam fazer das disciplinas práticas espaços ativadores de projetos e processos artísticos, a partir de abordagens interdisciplinares, com foco na pesquisa na área de Artes e através de pedagogias centradas nas e nos discentes.

Ao ministrar a disciplina *FAV 0637 Laboratório de Produção Artística 1 (LAB1)* nos anos 2017, 2018 e 2019, criei um espaço para exercitar o pensamento sobre tais questões e, ao mesmo tempo, praticar os conteúdos sobre pesquisa narrativa e (auto)biográfica que vinha adquirindo desde o período do doutorado. Busquei, também, estabelecer conexões com pesquisas que já vinham sendo realizadas no campo da educação no Brasil, inclusive na FAV/UFG (SOUZA; MARTINS; TOURINHO, 2017). No entanto, minha proposta foi criar um nicho para discutir o assunto a partir da pesquisa em poéticas visuais situada num curso de bacharelado. Foi assim que, mais tarde, propus a *pesquisa autobiográfica em arte* (RODRIGUES, 2021a) como abordagem específica, atualmente sendo aprofundada nos contextos do nosso grupo de pesquisa e do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG.

Ao caminhar pelo arquivodocente, percebo que as estratégias que adotei na disciplina LAB1 voltaram-se ao estímulo da produção artística discente através de processos artístico-pedagógicos criados especialmente para instituir o ato de contar – contar episódios da vida e dos processos de criação – como ponto de partida para o estímulo à experimentação artística das e dos estudantes. Contar transformou-se, portanto, num pilar fundamental do meu fazer docente nesse período.

As demais anotações que fui encontrando no arquivodocente sinalizam o que eu vinha desejando naquela época ao tentar instaurar a “aventura da procura” não apenas nos processos de formação de bacharéis e bacharelas em artes visuais, mas também em meus processos como professora e artista atuante no ensino superior. Busquei delinear pedagogias múltiplas, tais como: a pedagogia da pergunta e da acolhida, a pedagogia do tema gerador e da contextualização, a pedagogia da reflexão em coletivo. Sinalizei ainda a importância da dialética, da práxis e do diálogo problematizador, elementos que ressaltam minhas bases calcadas na pedagogia crítica Freireana.

Segundo as anotações, percebo também que pensava numa “pausa pedagógica”, especialmente quando me via exausta no papel de professora que está constantemente a estimular os processos de criação das e dos estudantes, mas não encontra tempo para cuidar dos seus próprios projetos artísticos. Como manter a produção artística fluindo em meio às altas demandas universitárias, muitas vezes sem o estímulo institucional e o tempo necessário para que continue a me

dedicar à prática artística que é tão fundamental para a docência em disciplinas de cunho prático num curso em artes visuais? Minhas anotações revelam que buscava compreender, naquele momento, o meu papel de artista em meio às proposições que fazia ao grupo de estudantes como professora de uma disciplina focada em laboriar processos artísticos. Não queria criar cisões entre os dois lugares de atuação (professora e artista), porém buscava reconhecer os limites dessa relação compreendendo que a romantização da hifenização professor-artista ou artista-professor pode ser uma grande armadilha, abrindo brechas para a precarização do trabalho tanto da professora quanto da artista e comprometendo a qualidade do seu trabalho como um todo.

A disciplina LAB1 se transformou em ponto de confluência para tais questionamentos e também para experimentações. O grupo de discentes foi estimulado a refletir sobre as características do meio no qual se encontravam tanto em suas vidas, na arte e na universidade. E eu, como professora, fiz o mesmo. Em 2017, o texto de Jean Lancri (2002) sobre metodologia de pesquisa em artes na universidade foi uma das referências e, a partir dele, procuramos reconhecer “o meio” onde cada um/a de nós se localizava naquele tempo-espço. Partimos de nossos arquivos pessoais para perceber trajetórias percorridas e, a partir desse exercício, identificamos quais elementos se apresentavam de forma mais proeminente em nossos processos e que poderiam ser vislumbrados num horizonte próximo (Figura 3). Das questões que surgiram durante o processo, destaco as seguintes: Quem desejo ser como artista ao fazer o que faço? Para quem faço? Que impactos desejo produzir e onde? Com que materiais, técnicas, procedimentos faço o que faço? Essas perguntas foram discutidas à medida que refletíamos sobre os nossos processos, com o apoio teórico de Salles (2007), e observando as configurações transitórias formadas entre o caos e a ordem nos processos de criação em meio à execução das proposições artísticas e às narrativas que iam surgindo (Figura 4). Estava especialmente interessada nos relatos que emergiam e atravessavam os espaços do fazer artístico, apontando de formas inusitadas para percursos, viagens e possibilidades poéticas.

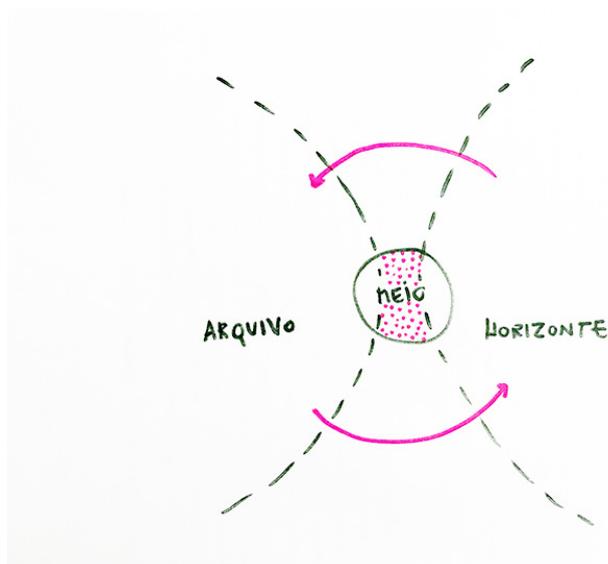


Fig. 3, Autora, *Arquivodocente*, 2017. Fonte: arquivo pessoal.

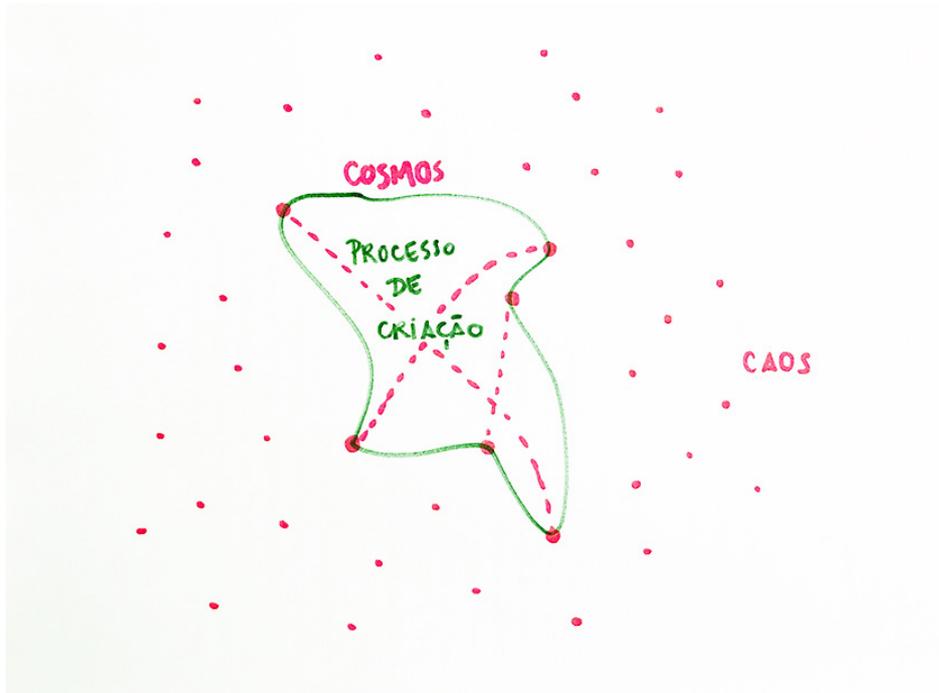


Fig. 4, Autora, *Arquivodocente*, 2017. Fonte: arquivo pessoal.

Para registrar o percurso ao longo da disciplina, a turma foi estimulada a utilizar o diário (Figura 5). Uma vez que é um dos gêneros das escritas de si, vislumbrei a possibilidade de introduzir alguns textos de Philippe Lejeune (2008), instaurando uma conversa sobre as formas de representação auto/biográfica que talvez pudessem ser exploradas pelo fazer em artes visuais.

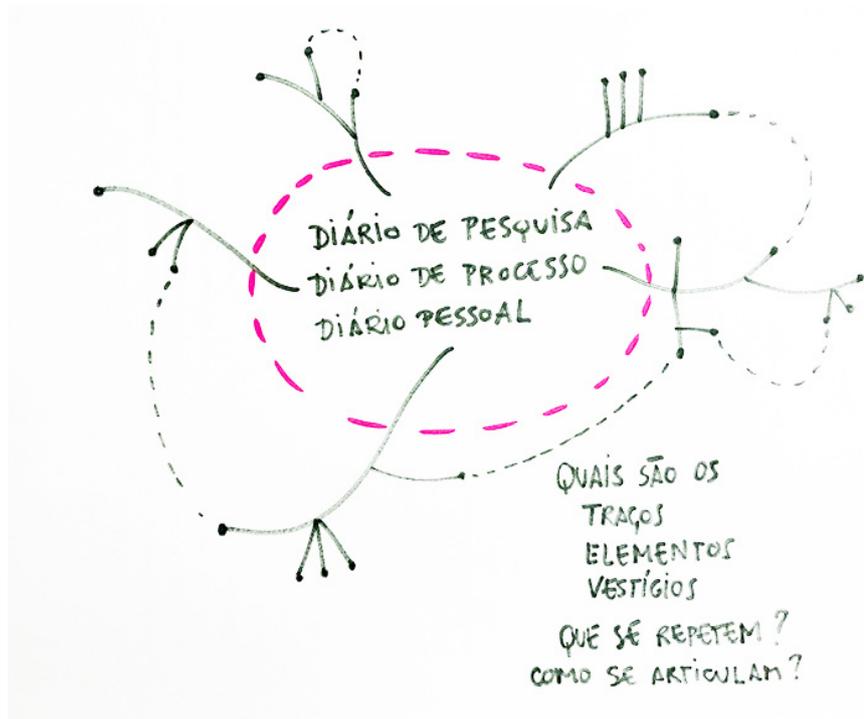


Fig. 5, Autora, *Arquivodocente*, 2017. Fonte: arquivo pessoal.

No trabalho a ser entregue ao final da disciplina, propus às e aos estudantes que procurassem apresentar uma reflexão em que texto e imagens estivessem no mesmo nível de importância, e que se organizassem de acordo com os seguintes tópicos: início, labirintos, desvios, e percurso do caos ao cosmos. Como exemplo, apresento nas Figuras 6 e 7 duas produções de Fabiana Francisca Santos, hoje mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual onde desenvolve uma pesquisa artística que se desdobrou das sementes plantadas na disciplina LAB1.

Em “início”, Francisca apresenta uma escrita de autolocalização⁹ no contexto de sua infância nômade, em deslocamento devido às necessidades econômicas de sua família. Francisca vai à sua história para um encontro com os fazeres de seu pai na carvoaria e de sua mãe na costura. Busca, assim, vislumbrar os caminhos que a levaram ao universo da arte até que chegasse naquele ponto no presente, no quinto período do curso Artes Visuais Bacharelado. Suas histórias de vida transparecem na solução do trabalho artístico final e em seu ensaio, nos quais tece as linhas ao redor do carvão para dar concretude à sua proposição artística e, também, à sua narrativa de vida (Figura 8):

[...] escolhi o carvão produto de queima e transformação, o que no meu contexto trouxe a movimentação, o motivo pelo qual viajávamos e o motivo pelo qual muitas vidas se entrelaçaram e como símbolo principal da figura masculina e de meu pai, um homem que tem a vida escrita com carvão. Escolhi também a linha, a linha materna e é a minha principal abordagem, a linha como fio feminino que abarca, tece, cria redes de nutrição e cuidado, com rigidez flutuante paradoxal, como o cuidado entrelaçado a cada momento vivido, principalmente ligada à minha mãe. Uma proposta muito intimista. [...] essa é uma história cheia de primores, diversos amores, de tantas vontades e resistência aos homens, de muitos caboclos renegados pelas cidades, dos meus laços, traumas, medos, infância, e um pedaço do universo interno criado por essas experiências nessa e em tantas outras instâncias, dimensões, esses contatos que reverberam dimensões. (Francisca Fabiana Santos, 2017).

9 O exercício de autolocalização tem sido parte de minha prática pedagógica há pelo menos uma década, culminando nas práticas autobiogeográficas que viriam a florescer mais tarde no âmbito da disciplina FAV 0751 *Laboratório de Práticas Autobiogeográficas* (RODRIGUES, 2021b), ofertada pela primeira vez em 2018.

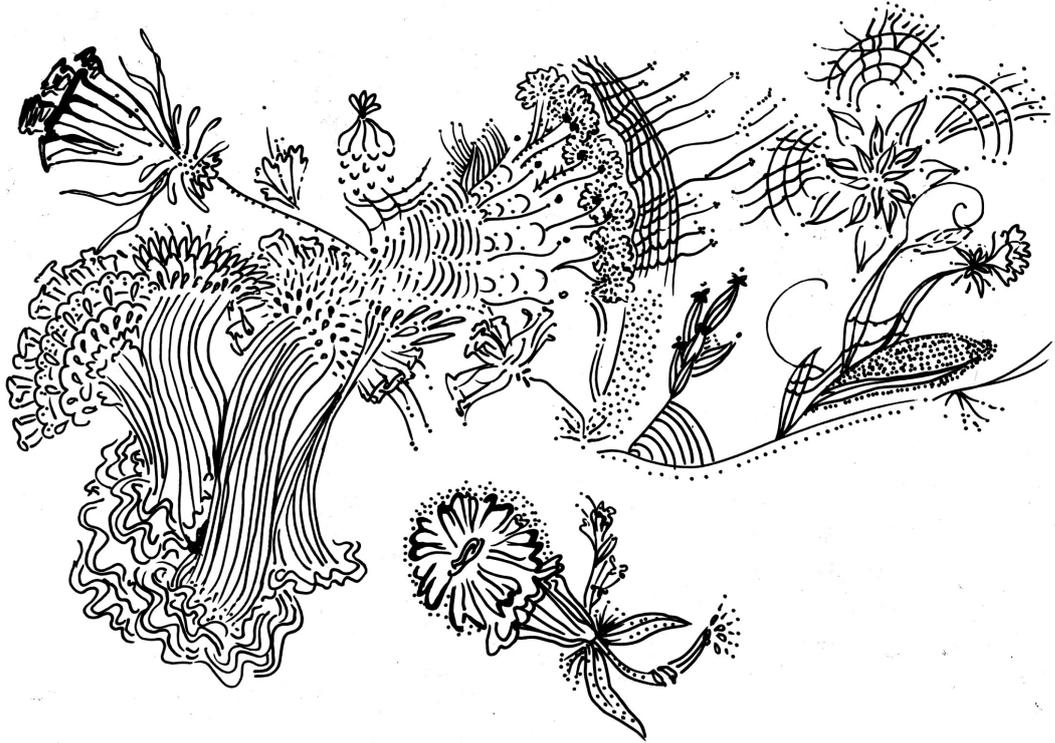


Fig. 6, Fabiana Francisca Santos, *Labirintos*, 2017. Desenho. Fonte: arquivo pessoal.



Fig. 7, Fabiana Francisca Santos, *Desvios*, 2017. Colagem digital, desenho e fotografia.

Fonte: arquivo pessoal.



Fig. 8, Fabiana Francisca Santos, *Do caos ao cosmos*, 2017. Apresentação do projeto artístico final na disciplina LAB1. Fotografia: Autora. Fonte: arquivo pessoal.

Desdobrar o contar

Movo-me agora aos anos 2018 e 2019 com o objetivo de observar como as proposições feitas em 2017 estimularam a continuidade desta pedagogia do contar – contar sobre a vida e sobre os processos de criação. Começo pela pilha do ano 2018 e logo encontro anotações que demonstram minhas preocupações com: a relevância da narrativa na primeira pessoa na academia; a prática artística como lugar de enunciação criado na confluência dos atravessamentos entre os campos dos estudos auto/biográficos e dos estudos decoloniais; as características do espaço autobiográfico em construção nas artes visuais; a importância do sujeito que se autobiografa nos processos de ensino-aprendizagem; a curiosidade sobre as identidades autobiográficas ao considerar tensões entre realidade, ficção, verdade e mentira ao narrar, sobretudo quando a ideia é partir da prática artística – lugar de fabulação.

A partir da experiência do ano anterior, observei que o espaço autobiográfico quando atravessado pelo pensamento de fronteira (ANZALDÚA, 2000) torna-se ponto de inflexão para a desaprendizagem das narrativas hegemônicas, proporcionando possibilidades de transformação pessoal e social ao oferecer um ferramental crítico e poético para que as pessoas observem sua própria trajetória. No espaço autobiográfico que se estrutura a partir do fazer artístico, compreendemos que as narrativas são multimídia, descontínuas e fragmentadas, desafiando noções de realidade, verdade e (auto)coerência ao narrar a própria vida.

Na turma de 2018, partimos dos mesmos princípios instituídos em 2017: o meio (da vida, do percurso, no presente) como ponto de partida para reflexões sobre os processos de criação e o projeto poético em gestação. Os objetivos estavam assim

definidos: Identificar conceitos e práticas que permeiam as intenções artísticas das e dos estudantes; Estimular a prática artística de forma interdisciplinar; Reconhecer os lugares conceituais e poéticos de onde podem partir os projetos artísticos; Desenvolver processos de criação a partir do reconhecimento desses lugares; Organizar uma publicação digital das narrativas criadas coletivamente e/ou individualmente; Elaborar, executar e apresentar um projeto artístico.

Para o estímulo à reflexão sobre os processos de criação, ao invés do diário (que também poderia ser utilizado) abraçamos a prática da correspondência. Partimos da leitura das cartas trocadas entre Lygia Clark e Hélio Oiticica (1998) para observar como o pensamento dos artistas ia se constituindo na troca de cartas em meio a relatos sobre a vida, amigos, fofocas, viagens, política, medos, incertezas e reflexões sobre arte, seus projetos artísticos, a circulação das obras, o circuito e as relações com as instituições e a audiência, trocas realizadas num tom muito pessoal e coloquial que colaborou para conferir “carne e osso” a esses dois personagens de extrema relevância para a arte brasileira.

Após o início da leitura do livro, a turma se dividiu em pares e adotou pseudônimos para iniciar a troca semanal de cartas, a partir do segundo dia de aula e durante seis semanas. As cartas deveriam ser escritas em papéis escolhidos especialmente para tal finalidade, inseridas em envelopes e trocadas em sala de aula. Infelizmente não pudemos lidar com postagens nos correios devido aos custos (nem todos dispunham de recursos para destinar a essa despesa) e também ao tempo que tínhamos para realizar a atividade, que deveria ocorrer no espaço de seis semanas sem atrasos. O conteúdo das cartas deveria expressar uma reflexão sobre o tempo presente, considerando expectativas, decisões e fazeres ligados aos processos de criação. A atividade foi chamada de *Cartas desde o Meio*. Na quinta semana, a turma foi convidada a fazer uma *Cartografia do Meio*, buscando expressar de forma coletiva, numa grande superfície de papel pardo, os principais elementos ligados ao fazer artístico que foram emergindo durante a troca de cartas.

A etapa final do trabalho consistiu em realizar uma publicação coletiva contendo vestígios de todo o processo vivenciado no LAB1: cartas, objetos, elementos da cartografia e imagens dos trabalhos artísticos finais. O livro ganhou o título *Correspondências: vestígios do percurso da criação* (CONCEIÇÃO, CAVICCHIOLI, RODRIGUES, 2019)¹⁰ e transformou-se em proposta selecionada para a exposição L.O.T.E.A.M.E.N.T.O., realizada na Galeria da FAV, em 2018. Nesse momento, houve o lançamento do livro e um bate-papo performado pela turma no espaço da galeria. Na Figura 9, alunas instalam o código QR do livro no chão da galeria no dia da montagem da exposição. Durante o lançamento, houve uma ação artística coletiva de leitura de algumas das cartas trocadas durante o semestre, seguida de uma conversa com as pessoas presentes.

10 O livro pode ser acessado através do link: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/403/o/Correspondencias_E-book_FAVUFG_CONCEIC%CC%A7A%CC%83O-CAVICCHIOLI-RODRIGUES.pdf

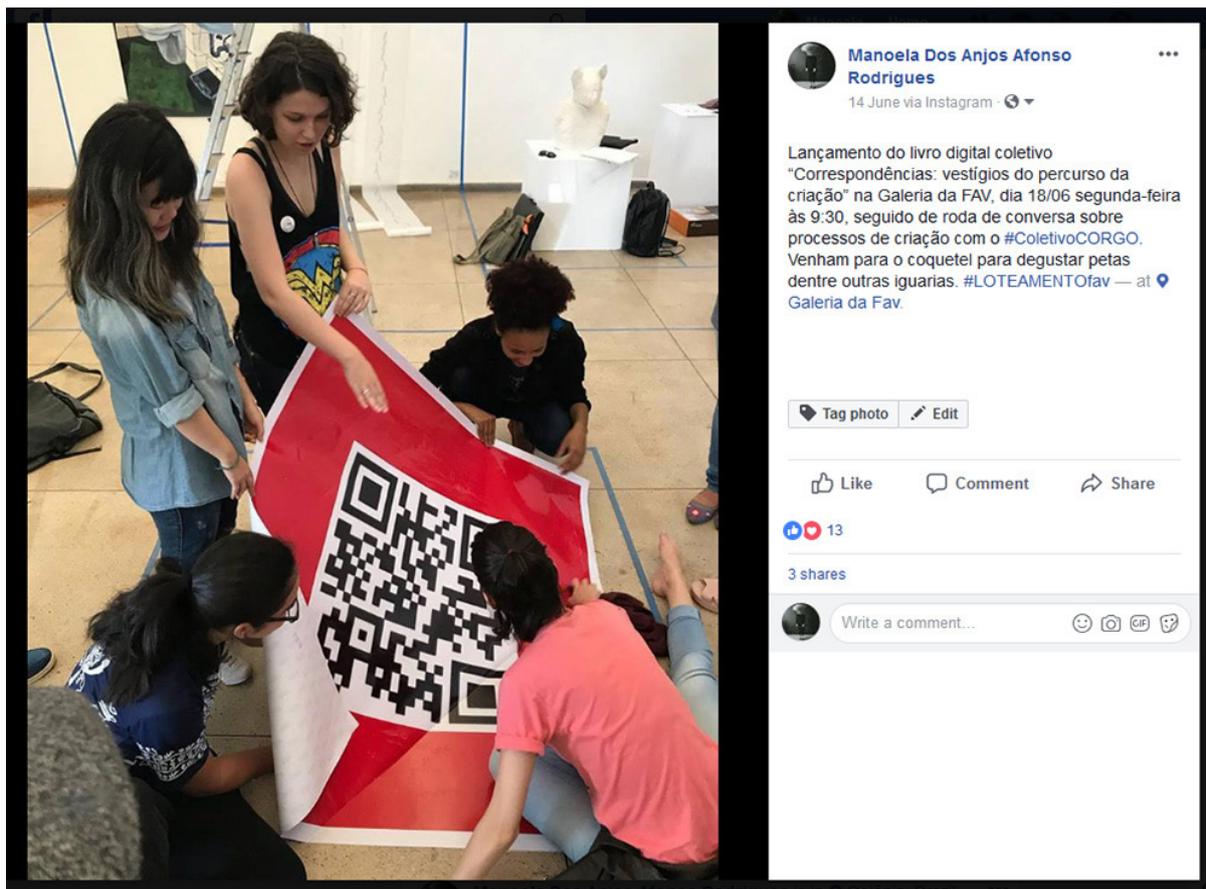


Fig. 9, Coletivo CORGO, *Correspondências: vestígios do percurso da criação*, 2018. Print de postagem de divulgação realizada nas redes sociais Instagram e Facebook. Print e fotografia: Autora.
Fonte: arquivo pessoal.

A avaliação final da disciplina se deu também no formato de correspondência: cada pessoa da turma endereçou a mim uma última carta, refletindo sobre o caminho percorrido ao longo do semestre e mencionando as experiências vividas em meio aos textos lidos em LAB1. Este último relato elaborado pelas e pelos estudantes no formato de correspondência, indicando seus trânsitos entre os processos do viver, da criação e do aprender, criou espaços riquíssimos para viagens poéticas, reflexivas e existenciais que merecem uma análise mais demorada num outro artigo. Se todo relato é uma viagem e uma prática do espaço, como aponta Michel de Certeau (2008), o que criamos durante a disciplina foi um espaço de liberdade para transitar criativamente entre a vida, o fazer artístico e a formação universitária em artes visuais, um espaço autobiográfico praticado de onde emergiram histórias de vida com as quais pudemos aprender sobre os rumos que podemos tomar para que a nossa existência – como docentes, artistas, curso ou instituição – faça mais sentido numa sociedade que demanda urgentes transformações.

Numa universidade que hoje é muito mais colorida e plural se comparada com aquela que frequentei em meus tempos de graduação, há mais de vinte anos, percebo que a pedagogia do contar e contar-se para saber e saber-se adotada aqui

como método de ensino e estímulo à prática artística tem reverberado e instituído espaços de troca e escuta em que estudantes podem sentir que suas histórias de vida e percursos importam. Ali, compreendem que carregam em si as preciosas sementes que florescerão e transformarão as estruturas nas quais se inserirem logo mais, à frente.

Em 2019, a pedagogia do contar continuou a ser praticada. Naquele momento, já havia participado de três conferências da International Auto/Biography Association – IABA (edições de Toronto, São João Del Rei e Kingston) e como ouvinte do VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – CIPA. Nesses encontros fiz bons contatos, conheci as possibilidades de abrangência da pesquisa (auto)biográfica e comecei a perceber melhor quais poderiam ser as nossas contribuições como artistas que articulam seus projetos poéticos a partir de relações diversas com as histórias de vida. Em LAB1 adotamos, nesse ano, o livro *Arquivos da criação: arte e curadoria* (SALLES, 2010) com o objetivo de estabelecermos alguns parâmetros para que cada estudante fizesse uma curadoria de seu próprio processo artístico e compartilhasse sua proposta com a turma na forma de uma narrativa, destacando os trabalhos selecionados em diálogo com os textos estudados e contextualizados no percurso vivido. As trocas atravessaram o semestre de forma generosa e, ao final, cada estudante produziu um ensaio crítico-reflexivo sobre o recorte da produção proposto.

Movimentar os espaços

Ao longo desse percurso, entre os anos 2017 e 2019, passei a me interessar pelas questões narrativas no âmbito institucional e cheguei aos estudos de Maria da Conceição Passeggi sobre os memoriais acadêmicos no Brasil. Como professora universitária com um caminho relativamente longo a percorrer até chegar ao último estágio da carreira docente, observo e inspiro-me nas trilhas já percorridas por outras mulheres nesse contexto. Ao nos contar sobre o memorial de Tatyanna Mabel Nobre Barbosa, por exemplo, Passeggi reflete sobre a escolha que a docente fez para refletir sobre as relações entre mestre e discípulo:

Essa visão da docência é simbolizada por ela quando ressalta na cena a comunhão “de sonhos e desafios” entre o mestre e o discípulo. Quem se movimenta na cena é Dédalo em torno de Ícaro, preparando-o com cuidado para o voo libertador. E no caso das aprendizagens no mundo universitário, “o pensamento desafia quaisquer regras e voa voa voa das prisões e dogmas humanos”. (PASSEGGI, 2017, p. 120, grifos da autora)

Ao percorrer meu arquivodocente, percebo que tenho buscado abrir caminhos que permitam exercícios de liberdade: poética, artística, pedagógica. Convido as e os estudantes a me acompanharem e sinto-me feliz por perceber que os nossos passos têm sido compartilhados. Concordo com Gómez e Mignolo (2012, p. 15) quando afirmam que “*La tarea fundamental de los proyectos decoloniales es investir el proceso y poner*

la vida (de los seres humanos y del planeta) em primer lugar y las instituciones al servicio de ella". Ainda, os autores destacam a importância de aí estabelecermos uma nova conversação "para hablar de nuestras experiencias concretas del estar siendo en el mundo contemporáneo, en la que se escuchan y atiendan otras voces, más allá de las voces y los discursos de los expertos" (GÓMEZ; MIGNOLO, 2012, p. 16). Assim tenho buscado viver o mundo universitário: criando espaços para a arte, a vida e a escuta através de uma pedagogia do contar e contar-se.

Neste texto, que foi se constituindo a partir de derivações pelo arquivodocente dos anos 2017, 2018 e 2019, busquei destacar experiências que evidenciam minha aposta artística e pedagógica na enunciação crítica autobiográfica como estratégia de estímulo aos processos de emancipação e de criação. No capítulo A arte da deriva, de seu livro *Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, Maffesoli (2001, p. 78) inicia o texto com a frase "Desligar-se para saborear melhor a proximidade das coisas". Quando no início do presente texto propus desocupar e, sobretudo, desocupar-me para então escrever como ato de travessia e criação, pensava justamente nisto: como me aproximar de forma saborosa dos conteúdos presentes em meu arquivodocente? Maffesoli nos conta que:

Sem obrigatoriamente ter consciência desse desligamento, todo mundo faz isto na vida cotidiana: viagens, turismo, afastamentos, curas, rupturas de toda ordem. Numerosas são as ocasiões de todo tipo em que se "soltam as amarras", em que a pessoa se exila ou foge a fim de restituir o sabor àquilo que, sob pesados golpes da rotina, perdeu-o quase que totalmente. (MAFFESOLI, 2001, p. 78).

Ao me mover de um cômodo a outro devido à pintura da casa entrei nesse estado de desligamento. A partir dele resolvi passear pelo arquivodocente com menos expectativas acadêmicas e mais desejos poéticos, uma vez que gostaria de mudar as coisas de lugar também no arquivo para ali descobrir tesouros. À medida que caminhei pelas pilhas, as anotações foram desarrumadas, desligadas de suas conexões prévias, revisitadas desde outro lugar no tempo e no espaço e, assim, puderam ser ressignificadas para gerar novos entendimentos e possibilidades de reflexão, atenção e ação. Maffesoli (2001, p. 87) diz ainda que "a existência, em seu sentido etimológico, refere-se a uma saída de si, uma fuga, uma explosão. Explosão que se vive no nível global, o do imaginário coletivo, mas também no próprio seio de cada indivíduo". Assim como o vento, que atravessa barreiras, está presente no espaço, mas lhe "permanece estranho, portador que é de outros espaços, de onde vem" (MAFFESOLI, 2001, p. 84), busquei ventilar o arquivodocente de modo a explodi-lo para vislumbrar o que pode se apresentar no horizonte mais próximo como possibilidades de transformação de minhas práticas hoje.

Para finalizar este texto-travessia, destaco na Figura 10 as últimas anotações que encontrei na pilha de 2019. Elas me fazem pensar que o ato de criar pode ser compreendido como a explosão mencionada por Maffesoli, pois é capaz de desfazer e refazer ligações com nossas subjetividades, gerando movimentos transformadores que nos colocam em outros lugares, de onde podemos perceber novos modos de fazer, pensar e existir na arte, na educação e na vida.

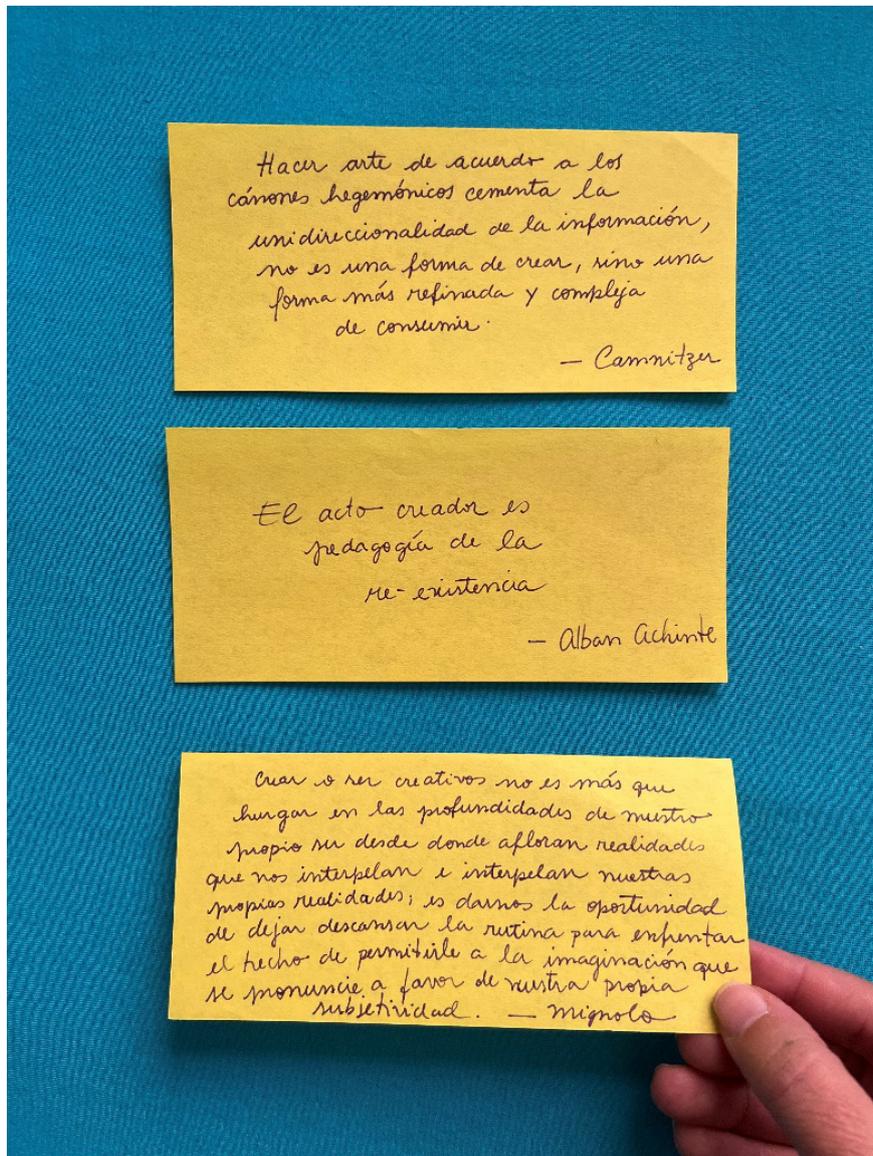


Fig. 10, Autora. Anotações encontradas no arquivodocente, pilha referente ao ano 2019. Fotografia: Autora, 2022. Fonte: arquivo pessoal.

Referências

AFONSO, Manoela dos Anjos. Language and place in the life of Brazilian women in London: writing life narratives through art practice, 262 f. **Tese** de doutorado (Doctor of Philosophy in Arts) Chelsea College of Arts, University of the Arts London, Londres, 2016.

ANDREWS, Molly; SCLATER, Shelley Day; SQUIRE, Corinne; TREACHER, Amal. **Lines of narrative: psychosocial perspectives**. London: Routledge, 2000.

ANDREWS, Molly; SQUIRE, Corinne; TAMBOUKOU, Maria. **Doing narrative research**. 2a ed. London: Sage, 2013.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 8, n. 1, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106> Acesso em: 8 jun. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CLARETO, Sônia Maria; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. Uma escrita de muitos ou uma escrita em travessia. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma outra escrita acadêmica: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 31-47.

CLARK, Lygia; OITICICA, Helio. **Cartas, 1964-74**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONCEIÇÃO, Matheus Pires da; CAVICCHIOLI, Henrique; RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Correspondências: Vestígios do percurso da Criação**. Goiânia: Gráfica UFG, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/403/o/Correspondencias_E-book_FAVUFG_CONCEIC%CC%A7A%CC%83O-CAVICCHIOLI-RODRIGUES.pdf Acesso em: 25 jun. 2022.

CURTIS, Barry; PAJACZKOWSKA, Claire. 'Getting there': travel, time and narrative. In: ROBERTSON, George; MASH, Melinda; TICKNER, Lisa; BIRD, Jon; CURTIS, Barry; PUTNAM, Tim. **Travellers' tales: narratives of home and displacement**. London: Routledge, 1994. p. 199-215.

GÓMEZ, Pedro Pablo; MIGNOLO, Walter. **Estéticas decoloniales**. Bogotá: Universidade Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

GONZÁLEZ, Jannifer A. Autotopographies. In: BRAHM, Gabriel; DRISCOLL, Mark. **Prosthetic territories: politics and hypertechnologies**. Colorado: Westview Press, 1995. p. 133-150.

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org.) **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2002. p. 15-33.

LEJEUNE, Philippe. Diários e blogs. In: LEJEUNE, Philippe. O **pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 255-368.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas institucionais de si: a arte de enlaçar reflexão, razão e emoções. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p.99-123.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Writing life narratives through art practice. **Qualitative Research in Psychology**, Philadelphia, v. 15, n. 2-3, Feb. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14780887.2018.1429866> Acesso em: 25 jun. 2022.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Pesquisa autobiográfica em arte: apontamentos iniciais. **Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens**, Goiás, v. 6, n. 1, p. 95-130, maio 2021a. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/11364>. Acesso em: 25 jun. 2021.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. O espaço autobiogeográfico em construção. **Paralelo 31**, Pelotas, n. 17, p. 138-167, dezembro 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/22533/14153>. Acesso em: 25 set. 2021.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 3ª ed. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. **Arquivos da criação**: arte e curadoria. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Entrelaçamentos entre histórias de vida, arte e educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 13-21.

SQUIRE, Corinne; DAVIS, Mark; ESIN, Cigdem; ANDREWS, Molly; HARRISON, Barbara; HYDÉN, Lars-Christer; HYDÉN, Margareta. **What is narrative research?** London: Bloomsbury, 2014.

TAMBOUKOU, Maria. Genealogy/Ethnography: finding the rhythm. In: TAMBOUKOU, Maria; BALL, Stephen. **Dangerous Encounters**: genealogy and ethnography. New York: Peter Lang, 2003. p. 195-216.

Submissão: 02/07/2022

Aprovação: 20/07/2022